

# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

VERBO



# Biblos

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

Enciclopédia  
VERBO  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

2



293607

VERBO



13

# Biblos

Enciclopédia  
**VERBO**  
das Literaturas  
de Língua Portuguesa

2

*Edição realizada  
sob o patrocínio da*  
SOCIEDADE CIENTÍFICA  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA

*Direcção*

*JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES  
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

*ANTÓNIO PINTO DE CASTRO  
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

*MARIA DE LOURDES A. FERREZ  
(da Faculdade de Letras — Universidade Nova de Lisboa)*

*GLAUSTON CRATES DE MELO  
(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

*MARIA APARECIDA RIBEIRO  
(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

*Secretaria-Geral*

*A cargo de*

*Departamento de Enciclopédias e Estudos Verbo*

**VERBO**



293607-D

NC-X690198468

NCR-745286



COLABORADORES DO SEGUNDO VOLUME

*Dra. Graça Abrantes  
Prof. Doutor Fernando Aires  
Dra. Isabel Maria Coelho de Faria  
e Silva Corte Real de Albuquerque  
Dra. Ana Cristina Rio Almeida  
Dra. Isabel Adelaide Penha Dias  
de Lencastre Almeida  
Prof. Doutor Luciano Mendes de Almeida  
Dr. Nelson Manuel Carvalho de Almeida  
Prof. Doutor Sérgio Rubens B.  
de Almeida  
Dra. Elvira Alvarez  
Dra. Maria de Cão Fortes Fraga Amaral  
Dra. Maria Tereza Anacleto  
Prof. Doutor Carlos Augusto André  
Prof. Doutor Arnan Arraújo  
Dra. Sara Manuela Augusto  
Dr. Abel Barros Baptista  
Prof. Doutor José Oliveira Barros  
Prof. Doutor José Carlos Barrocas  
Dr. João Barros  
Dra. Isabel Maria Barrocas  
Prof. Doutora Maria de Lourdes  
Belizos Pereira  
Prof. Doutor José Augusto Bernardes  
Dra. Paula Alexandra Bernardes  
Prof. Doutora Helena Bernardes  
Prof. Doutora Maria de Lourdes  
Bernardes  
Prof. Doutor António Augusto Bernardino  
Dra. Maria Luísa Malhada Bernaldo  
Ferreira da Cunha  
Prof. Doutora Neyde Vieira da Cunha  
Dr. Pedro Baltasar Casimiro  
Dra. Ângela Maria Dias  
Dr. Américo António Lourenço Diogo  
Dra. Ana Teresa Ferreira da Silva Diogo  
Dr. João Diniz  
Dr. Alexandre Faria  
Prof. Doutor António Manuel de Castro*

*Edição realizada  
sob o patrocínio da*

**SOCIEDADE CIENTÍFICA  
DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**

**Direcção**

**JOSÉ AUGUSTO CARDOSO BERNARDES**  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

**ANÍBAL PINTO DE CASTRO**  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

**MARIA DE LOURDES A. FERRAZ**  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Clássica de Lisboa)*

**GLADSTONE CHAVES DE MELO**  
*(da Faculdade de Letras — Universidade Federal do Rio de Janeiro)*

**MARIA APARECIDA RIBEIRO**  
*(da Faculdade de Letras — Universidade de Coimbra)*

**Secretaria-Geral**

A cargo do  
Departamento de Enciclopédias da Editorial Verbo  
sob a direcção de João Bigotte Chorão



## COLABORADORES DO SEGUNDO VOLUME

- Dra. Graça Abranches*  
*Prof. Doutor Fernando Aires*  
*Dra. Isabel Maria Coelho de Faria e Silva Côte-Real de Albuquerque*  
*Dra. Ana Cristina Rui Almeida*  
*Dra. Isabel Adelaide Penha Dinis de Lima e Almeida*  
*Prof. Doutor Justino Mendes de Almeida*  
*Dr. Nelson Manuel Carvalho de Almeida*  
*Prof. Doutor Sérgio Rubens B. de Almeida*  
*Dra. Eloísa Alvarez*  
*Dra. Maria do Céu Fortes Fraga Amaral*  
*Dra. Marta Teixeira Anacleto*  
*Prof. Doutor Carlos Ascenso André*  
*Prof. Doutor Artur Anselmo*  
*Dra. Sara Manuela Augusto*  
*Dr. Abel Barros Baptista*  
*Prof. Doutor José Oliveira Barata*  
*Prof. Doutor José Carlos Barcellos*  
*Dr. João Barreiros*  
*Dra. Isabel Maria Morujão de Beires*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Lourdes Belchior Pontes*  
*Prof. Doutor José Augusto Cardoso Bernardes*  
*Dr. Paulo Alexandre Esteves Borges*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Helena Carvalhão Buescu*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Leonor Carvalhão Buescu*  
*Prof. Doutor Abílio Hernández Cardoso*  
*Prof. Doutor Alberto Duarte Carvalho*  
*Prof. Doutor Aníbal Pinto de Castro*  
*Prof. Doutor Ivo Castro*  
*Prof. Doutor Guilhermino César*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Vânia Pinheiro Chaves*  
*Dr. João Bigotte Chorão*  
*Dr. Jorge Colaço*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Maria Robalo Cordeiro*  
*Dra. Ângela Correia*  
*Dr. Joaquim Correia*
- Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Paiva Correia*  
*Dra. Maria de Lourdes Cortez*  
*Leonel Cosme*  
*Dra. Vilma Costa*  
*Dr. Duarte Ivo Cruz*  
*Dra. Maria Luísa Malato Borralho Ferreira da Cunha*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Neyde Vieira da Cunha*  
*Dr. Pedro Balau Custódio*  
*Dra. Ângela Maria Dias*  
*Dr. Américo António Lindeza Diogo*  
*Dra. Ana Teresa Ferreira da Silva Diogo*  
*Dr. João Dionísio*  
*Dr. Alexandre Faria*  
*Prof. Doutor António Maciel de Castro Feijó*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Lourdes A. Ferraz*  
*Dr. José Alberto Ferreira*  
*Prof. Doutor José Ribeiro Ferreira*  
*Dra. Maria Ema Tarracha Ferreira*  
*Dra. Maria do Rosário Ferreira Serafim Ferreira*  
*Dr. Manuel Simplicio Geraldo Ferro*  
*Dr. Miguel Quadrio Matos Ferro*  
*Dr. Albano António Cabral Figueiredo*  
*Dra. Vera Lúcia Follain de Figueiredo*  
*Dr. Humberto Marini Filho*  
*Prof. Doutor João Almeida Flor*  
*Dra. Lúcia M. Ruas Gaspar*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Cândida Leite Georgopoulos*  
*Dra. Ana Margarida Godinho*  
*Jesué Pinharanda Gomes*  
*Dr. Renato Cordeiro Gomes*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Simone Caputo Gomes*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Elsa de Jesus Gonçalves*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Rosa Maria Goulart*  
*Prof.<sup>a</sup> Doutora Carolina Maia Gouvêa*



Prof.<sup>a</sup> Doutora Pilar Lorenzo Gradín  
Dr. Fernando Guimarães  
Prof. Doutor Manuel Gusmão  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Hatherly  
Dr. Eduíno de Jesus  
Prof. Doutor Nuno Júdice  
Dra. Cristina Mello Laranjeira  
Dr. José Luís Pires Laranjeira  
Dr. Francisco G. Cunha Leão  
Dr. Manuel Leão  
António Leitão  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ana Mafalda Leite  
Dra. Esther de Lemos  
Doutor Eng.<sup>o</sup> Eugénio Almeida Lisboa  
Dra. Ana Cristina Macário Lopes  
Dra. Silvina Rodrigues Lopes  
Dr. António Apolinário Lourenço  
Prof. Doutor Álvaro Manuel Machado  
Dra. Ana Maria Silva Machado  
Dr. João Maia  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Rita Marnoto  
Prof. Doutor João Francisco Marques  
Dra. Ana Maria Mão-de-Ferro Martinho  
Dr. Fernando J. B. Martinho  
Dra. Inocência L. S. Mata  
Prof. Doutor Gladstone Chaves de Melo  
Doutora Margarida Vieira Mendes  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Teresa Delgado  
Mingocho  
Prof. Doutor João Gouveia Monteiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Ofélia Paiva Monteiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Paula Morão  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Fátima de Freitas Morna  
Prof. Doutor Aires Nascimento  
Dra. Maria Victoria Navas  
Dr. Adelino Neves  
Dra. Virgínia de Carvalho Nunes  
Prof. Doutor António Resende Oliveira  
Dr. Fernando Matos de Oliveira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Laura Cavalcante Padilha  
Dra. Sylvia Paixão  
Prof. Doutor José de Almeida Pavão  
Dra. Lia Sá Paulo  
Dr. José Carlos Seabra Pereira  
Dr. Luís Alexandre da Silva Pereira  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena da Rocha  
Pereira  
Dr. Victor Hugo Adler Pereira  
Dra. Maria da Graça Pericão  
Prof. Doutor Sebastião Tavares de Pinho  
Prof. Doutor António Manuel B.  
Machado Pires

Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Lucília Gonçalves  
Pires  
Dra. Maria da Natividade Carvalho  
Pires  
Prof. Doutor José Maria da Cruz Pontes  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Helena Ureña  
Prieto  
Prof. Doutor Américo Costa Ramalho  
Dr. António Manuel Ribeiro Rebelo  
Prof. Doutor Luís de Sousa Rebelo  
Prof. Doutor Carlos António Reis  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Cristina Almeida Ribeiro  
Dr. José António Pinto Ribeiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Aparecida Ribeiro  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Graça Rio-Torto  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Clara Crabbé Rocha  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Rocheta  
Dr. Ernesto Rodrigues  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Idalina Resina  
Rodrigues  
Dra. Selma Calazans Rodrigues  
Prof. Doutor Urbano Tavares Rodrigues  
Prof. Doutor José Luís Rodríguez  
Frei Raul de Almeida Rolo  
Prof. Doutor Lourenço do Rosário  
Dr. Gustavo Rubim  
Dr. Rogério Sacchi  
Dra. Maria Helena Santana  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Eduarda Borges  
dos Santos  
Dra. Maria Helena Duarte Santos  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria de Fátima Marinho  
Saraiva  
Dra. Ana Margarida Falcão Seixas  
Prof. Doutor Manuel Sérgio  
Dra. Celina Silva  
Prof. Doutor Jorge Fernandes da Silveira  
Dr. Osvaldo Alves Pereira Silvestre  
Dra. Maria João Figueiredo Simões  
Dr. Carlos Mendes de Sousa  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Leonor Machado  
de Sousa  
Prof. Doutor Miguel Tamen  
Prof. Doutor Giuseppe Tavani  
Prof. Doutor Gilberto Mendonça Teles  
Prof. Doutor José Terra  
Dra. Maria Helena Ribeiro Almeida e  
Costa Toipa  
Prof. Doutor Albino de Bem Veiga  
Dr. João Conde Veiga  
Dra. Evelina Pereira da Silva Verdelho  
Prof. Doutor Telmo Verdelho



## EPANALEPSE

Teorizadores da antiguidade greco-latina como Demétrio Falereu, Rutilio Lupo, Quintiliano, não foram concordes e nem sempre inteiramente claros na caracterização da epanalepse, o que terá contribuído para que ao longo dos tempos o termo conhecesse interpretações várias. Entre autores contemporâneos, a E. é considerada uma figura de repetição (como etimologicamente o vocábulo sugere), mas registam-se divergências quanto à sua definição específica: numa ronda por obras do séc. xx, é possível encontrar esta palavra utilizada para designar a repetição do mesmo termo ou expressão em pontos diversos da frase, do verso ou da estrofe; a repetição do mesmo termo ou expressão após corte da frase provocado por um inciso; a repetição geminada da mesma palavra; ou, mais frequentemente, a repetição cíclica da mesma palavra ou expressão, i. é, abrindo e fechando uma frase ou um verso.

A tomar-se E. neste último sentido, para além de valores comuns a qualquer figura de repetição, poder-se-á considerá-la particularmente azada a expressar a perfeição, o fechamento de um percurso (p. ex.: «Como uma sombra, casou; deu mais algumas voltas ao torno; cuspiu um resto de sangue; e passou, como uma sombra.» — Eça de Queirós, *A Cidade e as Serras*, Porto, s/d, p. 9). Jogando com os mesmos termos colocados em situação de polaridade, a E. favorece ainda a sugestão de subtis distinções semânticas: «Nada dentro de nada.» (Ricardo Reis, *Poesias*, Lx., 1981, p. 88); «Ah! Lisboa é sempre Lisboa!» (Eça de Queirós, *O Primo Basílio*, Porto, s/d, p. 41). (↗Anadiplose. ↗Epanadiplose.)

BIBLIOGRAFIA: Henri Morier, *Dictionnaire de poétique et de rhétorique*, Paris, 1981.

Isabel Almeida

## ÉPICA

Na literatura portuguesa, só nas últimas décadas passou a admitir-se a existência de uma tradição épica medieval, ao lado da lírica, que integraria composições sobre a lenda do Rei Ramiro, a len-

da de Egas Moniz, o relato da Batalha do Salado e, sobretudo, um ciclo narrativo sobre D. Afonso Henriques. Utilizada como fonte fidedigna para a composição das crónicas medievais, representa a fixação de um tipo de narrativa de factos que atravessavam sucessivas gerações. Apesar de nenhuma destas composições ter chegado aos nossos dias, é possível fazer uma ideia delas a partir da leitura atenta, p. ex., da ↗*Crónica Geral de Espanha de 1344* ou dos ↗*Livros de Linhagens*. Fruto de uma cultura oral tradicional, estes poemas épicos representam desde o início a afirmação de uma unidade cultural no Ocidente hispânico e exprimem a autonomia étnica dos portugueses. No entanto, sob o ponto de vista estético, partilhariam das características dos restantes poemas épicos castelhanos, numa perspectiva marcadamente realista, sem grandes lances fantásticos ou idealizados no que se refere ao tratamento dos factos cantados, e recorrendo ao uso do verso épico dos jograis, com número irregular de sílabas, dividido em dois hemistíquios, com rima toante ou assonante e monorrímo. É este tipo de composições que, depois, vão dar origem às canções de ↗gesta que celebram, na Península Ibérica, os feitos de Rodrigo Díaz de Vivar, no *Cantar de Mio Cid*, ou que, em França, darão forma às empresas dos heróis do ciclo carolíngio, enquanto, na Itália, servem de base aos poemas cavaleirescos de Luigi Pulci (*Morgante*), de M. M. Boiardo (*Orlando Innamorato*) ou Ludovico Ariosto (*Orlando Furioso*), que retomam os feitos dos mesmos cavaleiros paladinos. No entanto, com os alvares do Renascimento e devido à revalorização da *Poética* de Aristóteles e de Horácio, a exigência de um cânone mais rigoroso conduziu a um amplo debate sobre a natureza e características do poeta épico, numa tentativa de alcançar o equivalente moderno da epopeia homérica ou virgiliana. Criticam-se, então, os poemas cavaleirescos pela excessiva variedade de episódios e pela falta de um conteúdo nacional já presente na *Iliada*, na *Odisseia* ou, sobremaneira, na *Eneida*. Assim, surgem obras como *L'Italia Liberata dai Goti*, de G. G. Trissino, que permitem a continuação do debate



sobre esta questão e facilitam o aparecimento de novas experiências ou de textos teóricos como os *Discorsi dell'arte poetica* e os *Discorsi del poema eroico*, de Torquato Tasso, que compõe a *Gerusalemme Liberata*, já permeada de uma nova mundivisão e religiosidade, próprias do espírito da Contra-Reforma.

Em Portugal, com os ↗Descobrimientos, surgiu desde meados do séc. xv um espírito de exaltação nacionalista que encontrou reiterada expressão, não apenas na criação plástica, mas, sobretudo, em textos de vários géneros, entre os quais cumpre mencionar as orações de obediência dos enviados portugueses ao Papa, v. g., a de Vasco Fernandes de Lucena a Inocêncio VIII (1485), produções científicas como o *Tratado da Esfera* de Pedro Nunes ou o *Esmeraldo De Situ Orbis* de Duarte Pacheco Pereira. Nesse mesmo espírito, Angelo Poliziano oferecia-se em 1491 a D. João II para cantar em latim os feitos dos Portugueses e Cataldo Sículo consagrava o poema *Arcitinge* à celebração da tomada de Arzila e Tânger. Ecos dessa mesma intenção surgem no prólogo do ↗*Cancioneiro Geral*, de Resende, e nas obras de António Ferreira, Pêro de Andrade Caminha, em alguns autos de Gil Vicente ou na *Crónica do Imperador Clarimundo*, de João de Barros. Por outro lado, a teorização literária renascentista não se cansava de proclamar a ↗epopeia como o género mais nobre entre todos quantos o cânone literário havia consagrado desde os Poemas Homéricos. É desta confluência de vectores (a consciência da excepcionalidade das proezas militares dos Portugueses e o ambiente de expectativa criado pelo código poético renascentista) que vai surgir a concretização da grande epopeia portuguesa n'Os *Lusíadas* de Camões (1572).

Através do poema camoniano, entendido como a cristalização de mitos nacionais e a força histórico-poética do espírito de um povo, estava encontrada a forma da poesia épica que, entre nós, iria marcar a evolução do género nos períodos seguintes. Seguindo fundamentalmente o modelo virgiliano, a viagem de Vasco da Gama encaixa-se perfeitamente nos esquemas já bem definidos da epopeia, tanto mais que ao evento histórico

subjazia o arquétipo mítico da viagem. As navegações dos portugueses impunham-se ainda pelo seu interesse universal e humanístico, já para não referir o carácter aventureiro de que se revestiam, permitindo, pela sua dimensão, servir de contraponto às empresas guerreiras das epopeias da Antiguidade. Por outro lado, se a articulação dos novos espaços descobertos com os lugares-comuns das epopeias tradicionais não representava uma total recriação do mundo épico antigo, o grande contributo camoniano vem da visão lírica com que esses novos espaços são apresentados, povoados como estão de seres sobrenaturais, ninfas, gigantes e deuses, herdados da tradição clássica. Contudo, a lição que se recolhe da revalorização da épica através desta obra resume-se só a esta ampliação de horizontes geográficos que os Descobrimientos facultaram: a visão pragmática com que a epopeia era concebida implicava, por conseguinte, que fosse entendida como a forma literária mais adequada para imortalizar os feitos do homem nessas paragens, como novas e reais realizações capazes de superar as fantásticas aventuras medievais ou os míticos feitos heróicos da Antiguidade, erigindo os portugueses, como os romanos da era moderna, em construtores de um novo império. A pena e a espada tornam-se, assim, num binómio que, só por si, justificava a essência da epopeia. Ao poeta competia a imortalização dos feitos guerreiros de um povo e, por conseguinte, apontar o seu percurso para a fama e para a glória. A ↗Ilha dos Amores surge, pois, como uma alegoria da fama, visto ser a recompensa dos feitos praticados e elevar os seus heróis ao nível dos deuses pagãos, permitindo-lhes a fruição de prazeres que, para além da sensualidade pagã, simbolizavam uma união espiritual, da qual nasceria uma nova «progénie forte e bela». Para alcançar tais mercês, o percurso apontado era o do heroísmo, da experiência, do sofrimento, do esforço e da virtude. Daí decorrem já as características que marcam os heróis camonianos: a religiosidade, o valor, os feitos, a lealdade, a nobreza, a fortaleza de alma, o desprezo de riquezas e honras, a dignidade, o espírito de sacrifício,



a eloquência, a prudência, a cortesia e a capacidade de amar. Todavia, esses aspectos não se concentram numa única figura, pois o que importava pôr em relevo era o esforço heróico colectivo, o «peito ilustre lusitano». As virtudes colectivas evocadas, que resultam da súmula das qualidades de cada um dos heróis individualmente considerados, revelam assim que o herói camoniano é o resultado da sábia conjugação de aspectos dos modelos medieval e renascentista, guerreiro em empresas bélicas e, simultaneamente, rico de virtudes morais, perfeito cavaleiro e cortesão nas relações sociais e, sobretudo, homem predisposto ao amor.

Aos poemas épicos que se sucederam a *Os Lusíadas* é comum o mesmo objectivo de exaltar as glórias nacionais passadas, principal suporte do orgulhoso espírito de autonomia, mesmo quando, num período de crise, Portugal se encontrava politicamente absorvido pela monarquia espanhola. A consciência da obra de evangelização levada a cabo pelos portugueses em todos os continentes contribuía para essa exaltação nacionalista, que, juntamente com a descrição da geografia humana e com a narrativa dos factos históricos sobre os quais assentava a ficção poética, fazia que o modelo camoniano continuasse a exercer uma profunda influência na produção do género a que o Barroco iria dar lugar. Só que essa influência não era acriticamente aceite: em amplos debates sobre a natureza do poema épico, ao modelo camoniano, contrapunha-se o tassiano, tido por certa linha crítica como mais adequado à mundivisão da época, pela religiosidade e por uma pretensa capacidade criadora nobremente dirigida a intuitos éticos. Devido à popularidade, de que o género, então, passou a gozar, para além de alguma produção no âmbito da epopeia mitológica, como a *Gigantomachia*, de Manuel de Galhegos (1628), poderão considerar-se na produção épica subsequente três grandes categorias: a primeira inclui os poemas de inspiração patriótica, de interesse nacional, como o *Sucesso do Segundo Cerco de Diu* (1574) e o *Naufragio e lastimoso successo da perda de Manuel de Sousa de Sepúlveda* (1594), de Jerónimo Corte-Real; a *Ele-*

*giada*, de Luiz Pereira Brandão (1588); o *Primeiro Cerco de Diu*, de Francisco de Andrada (1589); *Condestabre*, de Francisco Rodrigues Lobo (1609); *Alfonso Africano*, de Vasco Mousinho de Quevedo Castello Branco (1611); *Anacephaleoses da Monarchia Lusitana*, de M. Bocarro (1616); *Insulana* (1635) e *Phenix da Lusitania* (1659), de Manuel Thomaz; *Templo da Memoria*, de Manuel de Galhegos (1635); *Chauleidos*, de Diogo de Paiva de Andrade (sobrinho), em latim (1628); *Malaca conquistada*, de Francisco de Sá de Menezes (1634); *Ulyssea ou Lisboa edificada*, de Gabriel Pereira de Castro (1636); *El sol vencido e Parténope ovante*, de Miguel da Silveira (1639); *Ulyssipo*, de Antonio de Sousa de Macedo (1640); *Viriato Tragico*, de Braz Garcia de Mascarenhas (1699); *El Nuevo Mundo* (1701) e *Alfonso* (1712), de Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos; *Conquista de Goa*, de José Xavier de Valladares e Sousa (1754); *Brasileida*, de Domingos da Silva Telles (1759); *Uruguay*, de José Basilio da Gama (1769), *Caramuru*, de José de Santa Rita Durão (1781). Uma segunda conta com os poemas de interesse hispânico (*Felicissima victoria... en el Golfo de Lepanto*, de Jerónimo Corte-Real (1578); *Espana Libertada*, I Parte (1618), II Parte (1673), de Bernarda Ferreira de Lacerda; *Destruição de Hespanha*, de André da Silva Mascarenhas (1671). E a terceira abrange os poemas sobre assuntos de interesse ecuménico, mais de carácter religioso, de acordo com o espírito dominante da Contra-Reforma; *Novissimos do Homem*, de Francisco Child Rolim de Moura (1623); *Poema del Angelico Doctor Santo Tomás*, de Manuel Thomaz (1625); *Macabeu*, de Miguel da Silveira (1638); *Virginidos*, de Manuel Mendes de Barbuda e Vasconcellos (1667); a *Elyzabetta Triumphante*, de Frei Jeronymo Vahia (1732), etc.

Com a difusão de novas propostas estéticas e literárias, de matriz neoclássica, compõe D. Francisco Xavier de Menezes, 4.º conde de Ericeira, a *Henriqueida* (1741), sob a influência das teorias de Voltaire sobre o poema épico. A *Joanneida* (1782), de José Corrêa Pinto Alvim e a *Lisboa Destruída* (1803), do



P.<sup>o</sup> Theodoro de Almeida atribuem um valor despropositado às minúcias científicas e aos princípios filosóficos da época, pretendendo incluir na temática épica as novidades do progresso das ciências. Nesta atmosfera surgiram o *Novo Argonauta* (1809), o *Gama* (1811), *Newton* (1813) e *Oriente* (1814) do P.<sup>o</sup> José Agostinho de Macedo, que pretendem ombrear com o paradigma camoniano, bem como a *Zargueida*, de Francisco de Paula Medina e Vasconcelos (1806), a *Alfonsiada*, de Antonio José Osório de Pina Leitão (1818), a *Georgeida*, de Francisco de Paula Medina e Vasconcellos (1819), e *Lysia Victoriosa*, de José Joaquim de Figueiredo Saraiva (1823), esta última sobre a Batalha do Buçaco.

Com a propagação dos ideais românticos, a epopeia perde a importância de que usufruía e entra em definitiva decadência, consequência da rejeição das regras estabelecidas pela Poética clássica e pelos novos códigos políticos. O poema épico adapta-se, por isso, às circunstâncias, adoptando novos metros, ritmos e estruturas. O espírito nacionalista, o individualismo romântico e o pendor historicista produzem então alguns poemas narrativos onde o épico cede definitivamente lugar ao lírico. É o caso de *Camões* (1825) e a *Dona Branca* (1826), de Almeida Garrett, e *D. Jayme ou a Dominação Castelhana*, de Thomaz Ribeiro (1826).

O raiar do positivismo impõe entretanto novos temas, de carácter predominantemente filosófico, e na linha do poema épico surgem obras que pretendem cantar uma visão científica do Universo ou defender a missão social da poesia. É imbuído desses princípios que Teófilo Braga compõe *Visão dos Tempos* (1864), *Tempestades Sonoras* (1864), *Torrentes* (1869), *Miragens Seculares* (1884) e *Alma Portuguesa* (1902-1904).

No séc. xx, duas linhas se distinguem na continuidade da poesia épica produzida nas épocas anteriores: uma que inclui a *Chave Dourada*, de Manuel da Silva Gaio (1916), e a *Mensagem*, de Fernando Pessoa (1934), marcados respectivamente, por um exemplar misticismo estético e por um tom messiânico, a profetizar a renovada grandeza da pátria, mediante a instauração do Quinto Impé-

rio, e marcando ambos claros ecos de messianismo nacional, o primeiro dentro dos limites do possível e imanente, e o segundo com um pendor mais metafísico; a segunda abrange *As Sombras* (1907), *Marânus* (1911) e *Retorno ao Paraíso* (1912), de Teixeira de Pascoais, que apresenta uma visão mística do universo, fundada num evolucionismo panteísta, já presente em Guerra Junqueiro, que visa descortinar a essência da psicologia nacional, expressa pela saudade; e ainda *Tentações de São Frei Gil* (1907), *Elogio dos Sentidos* (1908) e *A Criação* (1913), de Correia de Oliveira, que revelam um deslumbramento panteísta aliado a um sentido metafísico do universo e a uma espécie de historiografia cósmica.

No Brasil, encontramos igualmente uma produção épica que acompanha regularmente a evolução dos códigos literários. Se agruparmos os diferentes poemas em ciclos, conforme as afinidades que apresentam, verificar-se-á que se distinguem quatro grandes grupos: o ciclo camoniano, que engloba a *Prosopopeia*, de Bento Teixeira (1601), o *Uruguay*, de José Basílio da Gama (1769), *Caramuru*, de José de Santa Rita Durão (1781) e *Vila Rica* (1773) de Cláudio Manuel da Costa, que ainda seguem o modelo camoniano, embora dêem lugar privilegiado ao pitoresco e colorido de cenários e costumes nativos, integrando assim a brasilidade no relato épico e destacando-se nos últimos dois um nítido sabor neoclássico de tipo arcádico. O ciclo romântico-realista conta com *O Guesa*, de Joaquim de Sousandrade, e outras tentativas menos conseguidas, mas que não deixam de ter relevo para a evolução do género por, nelas, se afirmar uma maior liberdade de criação e se exprimir uma consciência nacional mais definida (*Assumpção*, de Frei Francisco de S. Carlos (1819); *Os Garimpeiros*, de Januário da Cunha Barbosa (1838); *Os Timbiras*, de Gonçalves Dias (1848); *A Confederação dos Tamoios*, de Gonçalves de Magalhães (1856); *Cantos Épicos*, de Joaquim Norberto de Sousa e Silva (1861); *Os Voluntários da Morte*, de Pedro Luiz Pereira de Sousa (1864); *O Combate de Riachuelo*, de Rozendo Moniz Barreto (1865); *Colombo*, de



Araújo de Porto Alegre (1866); *A Divina Epopêa*, de Francisco Leite de Bettencourt Sampaio (1882); *O Conde Lopo*, de Álvares de Azevedo (1887); *A Comédia dos Deuses*, de Theophilo Dias (1888); *Assiseida*, de Frei Francisco Xavier de Santa Rita Bastos Barauna (1904), e *O Caçador de Esmeraldas*, de Olavo Bilac. O ciclo moderno inclui *Martim Cererê*, de Cassiano Ricardo (1928), *Cobra Norato*, de Raul Bopp (1931), *Invenção de Orfeu*, de Jorge de Lima (1952), *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meireles (1953), e *Sísifo*, de Marcos Accioly (1976), mas demarca-se dos restantes sobretudo pela valorização do relato na dimensão mítica da matéria épica, além de experimentar estruturas inovadoras e ritmos diferentes. Por último, identifica-se um ciclo pós-moderno, que conta com o *Poema Sujo*, de Ferreira Gullar (1976), *A Grande Fala do Índio Guarani Perdido na História e Outras Derrotas*, de Affonso Romano de Sant'Anna (1976), em que o relato se centra também na dimensão mítica e desconstrutiva da matéria épica, mas a experiência do mundo é feita mediante a vivência subjectiva do real histórico. No entanto, aqui, o herói épico é despersonalizado e historicamente indefinido para se transformar num «eu» impessoalizado em busca de identidade, de modo que apenas o facto de viver é entendido como um acto heróico.

BIBLIOGRAFIA: Ramón Menéndez Pidal, *Poesía Juglaresca y Juglares*, Madrid, 1924; id., *De antigua lírica española y antigua épica*, Madrid, 1951; António José Saraiva, «Os Lusíadas e o ideal de epopeia», in *Para a História da Cultura em Portugal*, vol. I, Lx., 1946; id., *A Épica Medieval Portuguesa*, Lx., 1979; Cabral do Nascimento, *Poemas Narrativos Portugueses*, Lx., 1949; Fidelino de Figueiredo, *A Épica Portuguesa no Século XVI* (1.ª ed. 1950), Lx., 1987; Norwood H. Andrews Jr., «An Essay on Camões 'Concept of the Epic'», in *Revista de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis*, vol. III, 1962; António Sánchez Romeraldo, «El héroe Camoniano», in *Revista de Letras da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Assis*, vol. III, 1962; Hernani Cidade, *A Literatura Portuguesa e a Expansão Ultramarina*, Coimbra, 1964; id., *Lições de Cultura e Literatura Portuguesas*, Coimbra, 1984; C. M. Bowra, *From Virgil to Milton*, Nova Iorque, 1967; Norman T. Burns e Christopher Reagan (ed.), *Concepts of the Hero in the Middle Ages and in the Renaissance*, Londres, 1971; Eduardo Portella, *Literatura e Realidade Nacional*, Rio de Janeiro, 1974; Anazildo Vasconcelos da Silva, *Teoria Épica do Discurso*, Rio de Janeiro,

1978; id., *Formação Épica da Literatura Brasileira*, Rio de Janeiro, 1987; Sérgio Buarque de Holanda, *Capítulos de Literatura Colonial*, São Paulo, 1991.

Manuel Ferro

## EPICÉDIO

Composição fúnebre, sem forma fixa, com extensão muito variável. Na literatura portuguesa, a revivescência deste género de origens greco-latinas começou no séc. XVI, por iniciativa de autores de formação humanista como André de Resende, que escreveu, em latim, o *epicedion [...] in raptum Dacorum principem* (in *Genethliacon Principis Lusitani*, Bolonha, Giovanni Battista Faelli, 1533). No entanto, só a partir de meados de Setecentos (ao que não é alheia a acção dos Arcades), e até à 1.ª metade do séc. XIX, o interesse pelo epicédio, elaborado predominantemente em vernáculo, conheceu expressão significativa.

Na maior parte dos casos, os E. celebram a morte de uma figura ilustre (reis, príncipes, personagens de projecção nacional). Composições de circunstância, marcadas por um acentuado convencionalismo, quase sempre são ocupadas pelo panegírico do defunto, o lamento pela sua perda, a referência à dor dos que de perto o haviam conhecido ou da sua acção beneficiado, o apelo patético ao choro, o consolo pela glória eterna a que a morte pode dar acesso. Nos moldes em que foi cultivado, o E. facilmente se confunde com outros géneros (a *o* elegia, a *o* ode) pela temática e tópicos idênticos.

No séc. XVIII, provavelmente mercê da sua divulgação, o termo «epicédio» parece ter valido, ao menos para alguns autores, como designação englobante de composições fúnebres. P. ex., Caetano José da Silva Sotomaior intitulou *Epicédios [...] na morte da Sereníssima Senhora D. Francisca Infante de Portugal* (Lisboa, Miguel Rodrigues, 1736) uma série de textos de género diverso. E o *Epicédio na sempre lamentável morte [...] de] D. João V*, elaborado por João Crisóstomo de Faria Cordeiro de Vasconcelos e Sá (Lisboa, Domingos Rodrigues, 1750), é uma égloga fúnebre.

Isabel Almeida